



SIMON SCARROW

TRAIADORES DE ROMA

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Traidores de Roma é dedicado a Anne e Mel Richmond,
os meus adorados sogros. Infelizmente, perdemos o Mel durante
os meses em que este livro estava a ser escrito. Sentimos a falta
do seu humor e da esfuziante alegria com que aproveitava cada
um dos dias que a vida lhe oferecia...

A FRONTEIRA ENTRE ROMA E PÁRTIA NO SÉCULO I



LISTA DE PERSONAGENS

Quinto Licínio Cato: Tribuno no comando da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana

Lúcio Cornélio Macro: Centurião mais antigo da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana, um duro veterano

General Gneu Domício Corbulo: Comandante dos exércitos do Leste do Império, a quem foi atribuída a desafiante tarefa de enfrentar a Pártia, embora não lhe tenham sido dados os meios necessários para a cumprir

Apolónio de Perga: Um agente do general Corbulo, e conselheiro de Cato. Claramente um homem astuto e manipulador, com um passado obscuro

Lúcio: Filho de Cato, um miúdo encantador, que cresceu entre soldados e que começa a apanhar-lhes a linguagem, infelizmente...

Licínia Petronella: Noiva de Macro, e em tempos escrava de Cato. Uma mulher de constituição forte, com opiniões do mesmo tipo

Cássio: Um cão vadio, salvo das ruas na Arménia, dedicado a Cato, e que tende a aterrorizar os que se deixam impressionar pela sua aparência feroz

Segunda Coorte Pretoriana

Centuriões: Inácio, Nicolis, Placino, Porcino, Metelo

Optios: Pantélio, Pélio, Marcelo

Quarta Coorte Síria

Prefeito Pácio Orfíto: Recém-promovido comandante da unidade. Um idiota que só pensa em cobrir-se de glória

Centurião: Mardónio

Optios: Phocus, Lecínio

Coorte de Cavalaria Macedónia

Decurião: Spathos

Sexta Legião

Centuriões: Pulino, Piso

Optio/Centurião Interino: Martino

Legionário: Píndaro

Legionário Seleno: Um veterano lamentavelmente incapaz de resistir à fome

Outros

Prefeito Clódio: O nervoso comandante da Primeira Coorte Auxiliar Dácia, que ocupa o posto fronteiriço em Bactris

Granículo: Intendente em Bactris. Um horticultor satisfeito, que deseja apenas a paz

Rei Vologases: Rei da Pártia, o “Rei dos Reis”, que nunca perde uma oportunidade de lembrar aos seus súbditos que o preço da traição é uma morte em agonia

Haghrar, da Casa de Attaran: Príncipe de Ichnae, também conhecido como Falcão do Deserto, que tenta manobrar para conseguir uma passagem segura pelo letal jogo da política da corte

Ramalanes: Um capitão da guarda real do palácio

Démocles: Um capitão de um barco do rio, sempre atento às possibilidades de melhoria financeira

Patrakis: Tripulante de um barco do rio

Péricles: Um estalajadeiro que gostava que os seus clientes pagassem as suas contas na totalidade

Ordones: Porta-voz do povo de Thapsis

Centurião Múnio: Centurião encarregue do destacamento de engenharia, com a ingrata tarefa de construir uma ponte por cima de uma torrente furiosa

Mendacem Pharageus: Um fala-barato profissional

Legionário Boreno: Outro fala-barato, que pode ser mais do que parece

1

Outono de 56 d.C.

— **A**í vêm eles — anunciou o centurião Macro, enquanto olhava para o fundo do campo de treinos, onde uma pequena nuvem de poeira indicava a chegada de uma coluna de soldados. Acabou de mordiscar a ponta de um ramo anisado e atirou-o fora, antes de cuspir para tirar a polpa fibrosa da boca. Virou-se e viu o seu superior direto encostado ao tronco de um cedro próximo, a dormir à sombra. O tribuno Cato era um homem magro, perto dos trinta anos de idade. O seu cabelo escuro tinha sido rapado no dia anterior, e a penugem que ficara dava-lhe um ar de recruta. A dormir, o rosto poderia ter uma aparência serena e quase juvenil, se não fosse a cicatriz de tecido esbranquiçado que desenhava uma diagonal irregular desde a testa, pela sobrancelha e descia pela maçã do rosto do lado direito. Era um veterano de muitas campanhas, e tinha o aspeto adequado a esse passado. Ao seu lado, estava deitado o cão, *Cássio*, um animal de grande porte e ar feroz, com pelo castanho espetado. Uma das orelhas tinha-lhe sido arrancada nalgum momento antes de Cato o ter recolhido, havia um ano, aquando da campanha na Arménia. Tinha a cabeça pousada no colo de Cato, e de vez em quando a cauda agitava-se ligeiramente, dando conta do seu contentamento.

Macro contemplou Cato em silêncio por um momento. Embora o seu tempo de serviço fosse o dobro do do homem mais jovem, tinha acabado por perceber que a experiência não era tudo. Um bom oficial precisava também de ter um cérebro capaz. E de força bruta, juntou à sua lista. Cato podia não ser muito bem servido nesse campo, mas compensava-o largamente em coragem e resiliência. Quanto a si próprio, Macro aceitava sem pestanejar que as suas principais qualidades eram a experiência e o poder físico. Sorriu enquanto refletia sobre as razões que faziam com que ele e Cato fossem amigos chegados havia já tanto tempo. Cada um deles possuía a qualidade em que o outro era deficiente. E isso dera-lhes muito jeito ao longo dos quase quinze anos em que se tinham visto envolvidos em inúmeras campanhas militares por todo o Império Romano, das margens enregeladas do Reno aos desertos escaldantes

da fronteira oriental. Os dois oficiais tinham folhas de serviço invejáveis, e também as cicatrizes que provavam que haviam derramado o seu sangue por Roma.

Contudo, Macro tinha começado a perguntar-se por quanto tempo mais poderia tentar o Destino. Até ali, poupara-o, mas chegaria com certeza um momento em que a sua indulgência terminaria. Viesse a morte através de uma espada, lança ou seta inimiga, ou por algum evento vazio de glória, como uma queda de um cavalo ou alguma doença, sentia que o momento se aproximava. Mas o que ele mais temia era um ferimento incapacitante, que o deixasse diminuído, menos do que um homem, para o resto dos seus dias.

Fez uma careta perante aqueles pensamentos. Cinco anos atrás, eles nunca o assaltariam. Mas agora estava ciente de que pela manhã os músculos estavam presos, e de que, ao fim de um dia de dura marcha, tinha uma impressão dolorosa nos joelhos. Pior ainda, já não possuía a mesma agilidade que tivera nos seus melhores anos. Isso não devia constituir uma surpresa. No fim de contas, lembrou a si mesmo, já tinha em cima mais de vinte e seis anos de serviço militar. Estava em condições de pedir dispensa das legiões, de receber um bônus e um lote de terras, tudo aquilo a que tinha direito, e reformar-se sossegadamente. Não o ter feito ainda devia-se apenas a nunca ter conseguido imaginar uma vida longe da instituição militar. Aquele era o seu lar, e Cato e os outros eram a sua família.

— Ainda, agora havia uma mulher na sua vida.

Sorriu quando a sua mente se encheu com a imagem de Petronella: audaz, atrevida e bonita, precisamente da forma como Macro concebia a beleza. Era de constituição forte, com olhos escuros numa face redonda e, apesar de ter uma língua afiada, a sua gargalhada franca nunca deixava de lhe aquecer o coração. Era em parte por causa dela, e em parte por causa do peso dos anos, que Macro pensava cada vez mais seriamente na hipótese de largar o exército. Contudo, não deixava de se sentir culpado sempre que dava por si a pensar em pedir para sair das legiões. Era como se estivesse a trair os homens sob o seu comando e, mais importante ainda, a desiludir o seu amigo, o tribuno Cato.

Era capaz de ficar a pensar no assunto mais algum tempo, mas naquele momento esse tempo já não existia. Havia trabalho para fazer.

Macro limpou a garganta enquanto se aproximava do tribuno.

— Senhor, os sírios já chegaram.

Cato abriu os olhos, e depois piscou-os perante a brilhante luz do Sol por trás das ramagens do cedro. O cão também levantou a cabeça e olhou para ele com ar inquisitivo. Cato fez-lhe uma rápida festa no pescoço antes de se pôr de pé, e espreguiçou-se enquanto fazia um cálculo mental rápido.

— Levaram o seu tempo. Era suposto terem chegado ao meio-dia. Isso já foi há mais de uma hora, pelo menos.

Os dois oficiais franziram os olhos para contemplar o terreno árido que se estendia para lá do arvoredado. Os auxiliares da Quarta Coorte Síria vinham pela estrada que conduzia a cidade de Tarso à área de treino. Aquela era apenas uma das unidades do exército que estava a ser reunido pelo general Corbulo para desencadear a guerra contra o antigo inimigo oriental de Roma, a Pártia. Várias coortes auxiliares e duas legiões estavam acampadas no exterior de Tarso, num total de mais de vinte mil homens. Seria um número impressionante, refletiu Cato, se não fosse a pobre qualidade da maior parte dos homens e do seu equipamento. E, assim, não havia hipótese de começar a campanha antes da primavera, pelo menos. Entretanto, Corbulo tinha dado instruções para que os homens treinassem a fundo, enquanto se reuniam provisões e equipamentos em quantidade suficiente para abastecer o exército.

Do seu lado, a coorte síria tinha recebido ordens para realizar uma marcha de mais de quinze quilómetros pelo terreno em redor da cidade, antes de se dirigir ao campo de treino para executar um ataque simulado a um conjunto de defesas que os homens de Cato tinham erigido ali perto, à sua direita. A muralha media uns cem passos de uma ponta a outra, com um portão a meio do comprimento. Os homens da Segunda Coorte Pretoriana já estavam a deixar o descanso da sombra para irem ocupar as suas posições na muralha de terra compactada que corria por trás da paliçada de troncos. À frente desta, havia um fosso, que completava o dispositivo defensivo.

Cato admirou os seus homens com um olho experiente, e sentiu um orgulho familiar a encher-lhe o peito. Aqueles soldados, nas suas túnicas beges e armaduras segmentadas, eram sem sombra de dúvida os melhores homens do exército do general Corbulo. Já tinham provado o seu valor em combate na Hispânia, e na campanha do ano anterior na Arménia. Recordar esta última fez baixar o orgulho de Cato, quando se lembrou dos homens que tinha perdido na tentativa de colocar um simpatizante de Roma no trono arménio. Os trezentos sobreviventes representavam pouco mais de metade dos que tinham marchado para longe das suas casernas na orla de Roma, quando a coorte fora enviada para o Oriente, para servir de guarda pessoal a Corbulo. Quando, por fim, regressassem à cidade, haveria muita dor para as famílias das baixas, bem como necessidade de encontrar substitutos e treiná-los.

Preferencialmente, refletiu Cato, esse treino seria bem mais rápido do que era o caso com as unidades do Leste do Império. Estas tinham passado demasiado tempo em serviço de guarnição, ocupadas apenas com a manutenção da

ordem entre os habitantes locais e com a garantia da cobrança de impostos. Muito poucos de entre aqueles homens tinham alguma vez estado em campanha, e faltavam-lhes a capacidade física e a experiência da batalha. Corbulo havia passado o último ano a reunir forças para a prevista invasão da Pártia, mas muitos dos homens estavam ainda mal equipados e incapazes de avançar para uma guerra. Os auxiliares sírios que se arrastavam na direção dos pretorianos eram típicos do fraco calibre dos homens que estavam sob comando do general.

O cão esfregou o focinho contra a mão de Cato e depois pôs-se de pé, apoiando as longas pernas contra o peito do dono para lhe tentar lambe o rosto.

— Para baixo, *Cássio*! — Cato empurrou-o. — Sentado!

O animal baixou-se de imediato, sentando-se sobre os quartis traseiros, com a ponta da cauda ainda a balançar.

— Bom, pelo menos há aqui alguém que se deixa treinar — comentou Macro. — Começo a perguntar-me se não nos safariamos melhor com uma matilha de cães do que com esta cambada de madraços.

Ouviu-se um grito do oficial que cavalgava à frente da coluna síria, que levantou um braço, e os soldados fizeram alto em desalinho. Sem esperar por permissão, alguns dos homens baixaram lanças e escudos e dobraram-se sobre si mesmos, a arfar e a tentar respirar. O oficial fez a montada rodopiar e seguir ao longo da coluna, a ralhar e insultar os seus subordinados enquanto fazia gestos furiosos.

Macro abanou a cabeça e cuspiu para o lado.

— Uma sorte que o treino de hoje não seja uma emboscada a sério, há?

Cato assentiu. Era fácil imaginar o caos que uma situação desse género teria provocado entre os auxiliares exaustos.

— Prepare os nossos homens. Quero que eles respondam com toda a força quando os sírios fizerem o seu ataque. Eles têm de perceber que não estamos aqui a brincar às guerras. Vale mais umas nódoas negras e uns ossos partidos agora do que tê-los a pensar que vão fazer um agradável passeio até à Pártia.

Macro sorriu e fez uma continência antes de se afastar para se colocar à frente da muralha. Fez alto mais ou menos a meio da estrutura e virou-se para os pretorianos. Tinham recebido armas de treino: escudos de vime, espadas de madeira e dardos com cabeças rombas, também de madeira. Embora desenhadas para provocar menos danos do que as reais, aquelas armas ainda podiam desferir golpes dolorosos e provocar feridas. Ergueu a vara de centurião e batucou com a ponta do pedaço de madeira cheio de nós na palma da mão

livre, enquanto se dirigia aos homens no tom de voz claro e elevado que tinha aperfeiçoado ao longo de anos a treinar soldados e a comandá-los em batalha.

— Rapazes, é hora de um pequeno exercício! À nossa frente estão quase seiscentos auxiliares. São o dobro de nós. O que corresponde a uma tremenda inferioridade numérica... para eles. — Fez uma pausa, para permitir aos homens alguns sorrisos e risadas. — Dito isto, se um único que seja daqueles sacanas sem préstimo conseguir ultrapassar a nossa muralha, todos os homens da centúria que estiver a guarnecer essa parte da paliçada vão passar um mês agradável de faxina às latrinas. E uma vez que todos os outros terão durante esse período uma dieta à base de ameixas secas, estarão tão enterrados em merda que sonharão com ar puro!

Levantou-se um coro de gargalhadas dos pretorianos, e Macro permitiu-lhes a diversão por mais uns momentos, antes de voltar a erguer a vara para exigir silêncio.

— Nunca se esqueçam de que somos a Segunda Coorte Pretoriana, o melhor corpo de homens de toda a Guarda Imperial. E agora vamos mostrar o porquê disso a estes sírios que não têm onde cair mortos!

Levantou o braço com a vareta no ar num gesto decidido e com um rugido selvagem, e os pretorianos imitaram-no, espetando as pontas arredondadas dos seus dardos de treino no ar, enquanto lançavam os seus gritos de guerra. Macro encorajou-os a aquecer os espíritos dessa forma por mais um momento, antes de se virar e se encaminhar de novo para junto de Cato e do cão. A orelha que sobrava a *Cássio* tinha-se eriçado ao escutar o clamor, e ele levantou-se nas quatro patas com os quadris a mexerem-se enquanto a cauda peluda baloiçava de um lado para o outro. Cato tirou do cinto uma trela de couro espesso e prendeu-a à coleira eriçada de pontas metálicas do cão, enquanto lhe dizia em voz baixa:

— Não podemos deixar-te comer nenhum sírio... Era mau para o moral.

Agarrou na trela com firmeza, endireitou-se e olhou para o terreno vazio e para os sírios. Os centuriões e optios estavam ocupados a dispor os seus homens numa linha de batalha à frente da muralha. Cato notou que as linhas estavam desordenadas, apesar dos esforços dos oficiais, com empurrões e toques para colocar os auxiliares em posição.

Macro, a assistir com a ponta da vara a descansar sobre um ombro, deixou escapar um longo suspiro.

— Foda-se, doce Marte, alguma vez viste um tamanho arranjo mais merdoso? Não apostaria em que aquela malta fosse capaz de escapar de um rolo de papiro encharcado. Se alguma vez tiverem de enfrentar os partos, será melhor

que peçam aos deuses que o inimigo morra de riso, caso contrário não têm uma hipótese que seja.

Um reflexo fulgurante no trilho por trás dos sírios atraiu o olhar de Cato, e ele avistou vários cavaleiros a aproximarem-se. Não traziam capacetes, mas usavam placas peitorais brilhantes.

— Parece que o Corbulo se interessou pelo treino de hoje.

Macro sugou o ar por entre os dentes.

— Nesse caso, acho que ficará um tanto ou quanto desapontado.

Viram o general e o seu estado-maior cavalgar em torno do flanco mais distante da coorte síria antes de deterem as montadas a curta distância, para observar a ação. Cato deitou uma olhadela ao prefeito que comandava os auxiliares e sentiu um breve acesso de pena pelo homem encorpado, cujo cabelo começava a escassear. Pácio Orfito era um oficial razoável. Tinha servido como centurião das legiões na fronteira do Reno antes de ser promovido ao comando da coorte síria havia apenas um mês, e mal começara a treinar os seus homens para a campanha que se avizinhava. E agora tinha o fardo adicional de conduzir um treino de ataque debaixo do escrutínio do seu comandante.

Depois de a coorte formar em duas linhas de três centúrias, Orfito desmontou, pegou no escudo e no capacete, que estavam pendurados no corno da sela, e equipou-se para liderar a formação. Tal como os pretorianos, os auxiliares tinham recebido equipamento de treino que era mais pesado do que o material de combate, e que tinha sem dúvida contribuído para o seu evidente estado de exaustão. Orfito aguardou que o grupo de honra tomasse lugar entre as duas linhas, e depois foi colocar-se à frente da coorte e deu ordem para avançar. O reflexo do sol nos capacetes estremeceu à medida que a formação se colocava em andamento.

Macro observou por momentos, antes de resmungar um comentário.

— Pelo menos marcham com o passo acertado. Uma coisa que o prefeito bem pode agradecer aos deuses.

Cato anuiu, e depois espetou o polegar na direção da muralha.

— Será melhor ir lá para cima, para ao pé dos rapazes.

— Não te vais juntar à diversão?

— Não. Hoje vou ficar a ver.

Macro encolheu os ombros, fez a continência e afastou-se em corrida ligeira para trás da muralha, para pegar no equipamento e se juntar aos seus homens. Cato ficou sozinho com o cão. Por vezes, refletiu, era melhor ficar de lado naquele tipo de treinos, para ter uma visão de conjunto; no coração da

ação era fácil deixar escapar detalhes importantes. Queria ver como a sua própria coorte se portava durante o exercício.

Os auxiliares sírios reduziam a distância em ritmo regular até que, no limite do alcance de disparos de setas, Orfito deu ordem de alto. Os homens detiveram-se e, durante vários momentos, houve um remexer constante por entre os gritos dos oficiais para corrigir a linha, até que a formação se aquietou e aguardou imóvel a ordem seguinte.

— Segunda centúria! Preparar para formar testudo!

Cássio puxou pela trela, e *Cato* deu-lhe um puxão para trás enquanto via os auxiliares ao centro da linha a formar uma coluna. Quando ficaram prontos, o comandante foi colocar-se na primeira linha e deu a ordem.

— Formar testudo!

O que se seguiu foi tão mau como *Cato* tinha imaginado. Os elementos da primeira linha deviam apresentar os escudos ao inimigo e aguardar que a segunda fila lhes colocasse os seus escudos sobre as cabeças, no que seriam imitados pelas filas seguintes. Em vez disso, muitos dos homens começaram a levantar os escudos assim que a ordem foi dada, provocando o caos ao embater nos outros à sua volta e levar a choques dos escudos de umas filas com as outras. O ar voltou a encher-se com as imprecações e as instruções gritadas dos oficiais subalternos, que se debatiam para restaurar a ordem. Por fim, Orfito viu-se obrigado a percorrer toda a coluna e verificar os esforços de cada uma das filas para aprovar a formação. Da muralha veio um coro desarticulado de apupos e risos, enquanto os pretorianos observavam os movimentos.

Quando, finalmente, a centúria ficou pronta, Orfito regressou à sua posição e deu ordem para que a coorte avançasse. Os homens das duas centúrias nos flancos começaram a abrir fileiras enquanto se preparavam para lançar os dardos de treino. Ao mesmo tempo, levantaram os escudos até que só os cimos das cabeças se viam sobre as orlas dos mesmos. Ao olhar na direção da muralha, *Cato* avistou a crista do capacete de *Macro*, enquanto o centurião sopesava um dardo e esperava que os sírios se colocassem a uma distância mais curta. O gozo e os apupos acalmaram-se e um silêncio relativo caiu sobre o campo de treino, enquanto os homens dos dois lados se preparavam para o embate. *Cato* deu ao ambiente a sua aprovação profissional. Era assim que devia ser. O treino era um assunto sério. Era a qualidade do seu treino que permitia aos exércitos de Roma dominarem um vasto Império e derrotarem os bárbaros que olhavam para as suas riquezas com olhos invejosos.

— Preparar dardos! — gritou *Macro*.

Ao longo da muralha, os homens colocaram-se em posição, puxando os

braços atrás e firmando as pernas sobre o solo. Depois, imobilizaram-se, como esculturas de atletas, pensou Cato, enquanto os sírios se aproximavam, tentando esconder-se por trás dos seus escudos de treino, feitos de vime.

— Lançar dardos! — ordenou Macro.

Os pretorianos retesaram todos os músculos e depois atiraram os projéteis para o ar com um coro de grunhidos de esforço. Cato avaliou as trajetórias das hastes, escuras contra o céu claro, enquanto descreviam os seus arcos por cima da massa dos auxiliares. Os homens nas fileiras da frente detiveram-se, o que provocou alguma confusão nas fileiras seguintes, que também tiveram de parar. Ainda assim, houve tempo para se encolherem por trás dos escudos enquanto sobre eles caía a pesada chuva de dardos de treino. O seu peso ligeiro e pontas rombas queriam dizer que não provocariam muitas feridas, mas os instintos dos auxiliares fizeram-nos hesitar e procurar cobertura, como fariam numa batalha real. Cabia aos seus oficiais mantê-los em movimento.

— Não parem! — gritou Orfíto. — Continuem a avançar! Avancem!

Marcou o ritmo enquanto o testudo avançava e as centúrias que ocupavam os flancos acompanhavam o passo. Na muralha estavam a ser passados mais dardos para os homens que se encontravam na paliçada, e os pretorianos já os erguiam, a preparar nova rajada. Mas os atacantes foram mais lesto e o centurião mais à direita da linha ergueu a espada e gritou aos seus homens:

— Primeira centúria! Alto! Preparar dardos! Lançar!

A sequência apressada de ordens levou a que a resposta dos soldados fosse também apressada e descoordenada. Já cansados pela marcha forçada, muitos dos homens foram incapazes de lançar os dardos à distância necessária, e os projéteis arrancaram torrões de solo da base da muralha ou tombaram no fosso. Pelo cálculo de Cato, menos de metade embateram na paliçada e nos homens por trás dela. Os pretorianos tinham levantado os escudos, e assim que os dardos bateram neles, caíram para o solo, com a exceção de um tiro de sorte que apanhou um homem no ombro. Este cambaleou, desequilibrado, e acabou por cair a rebolar pela parte de trás da muralha, numa nuvem de poeira e solo levantado.

Assim que os homens do outro flanco perceberam que os seus camaradas tinham lançado uma barragem de dardos, imitaram-nos, com os mesmos fracos resultados. Em contraste, a segunda rajada dos pretorianos foi ordenada, e os dardos embateram com estrépito nos escudos dos auxiliares, fazendo com que alguns dos homens, mais nervosos, perdessem o domínio dos seus escudos.

Orfíto continuava a marcar o passo enquanto levava o testudo na direção

da estreita ponte à frente do portão, onde Macro estava posicionado. Dos dois lados, os homens pegavam nos dardos de treino que tinham vindo dos adversários e lançavam-nos de volta, numa troca constante de projéteis para um lado e para o outro. Quando o testudo alcançou a ponte, Orfito deu ordem aos seus homens para se deterem. Cato interrogou-se sobre o que o prefeito estava a planear fazer a seguir. As escadas de assalto encontravam-se na retaguarda com as três centúrias de reserva. Ocorreu uma breve pausa enquanto elas eram trazidas para a frente e passadas pelo interior do testudo, para poderem ser lançadas contra a muralha e permitir que o assalto tivesse início. Nessa altura seria homem a homem entre os auxiliares e os pretorianos, e ele tinha poucas dúvidas de que a sua coorte, apesar de em grande inferioridade numérica, seria capaz de manter a posse das muralhas.

— Formar pontão! — bradou Orfito. De imediato as fileiras da frente do testudo correram pela ponte e levantaram os escudos, apoiando os braços livres contra as madeiras do portão. À medida que as fileiras seguintes os imitavam, e juntavam os seus escudos enquanto cada uma adotava uma posição mais baixa, a ponte de escudos sobrepostos começou a formar uma rampa que levava à paliçada no alto da muralha.

Cato ficou surpreso e depois sorriu, ainda que a contragosto. Não estava à espera de uma manobra tão ousada, em particular feita por uma unidade que não tinha dúvidas em considerar de terceira classe.

— Bem, bem — comentou para si mesmo, enquanto tomava noção de quanto aquela manobra teria exigido de prática.

Alguns dos pretorianos na paliçada também estavam surpresos e inclinavam-se para a frente para observar Orfito e os seus homens, até que os oficiais os chamaram à atenção e lhes disseram para olharem para as forças de ataque.

— Ao que parece, o nosso amigo Orfito tem mais imaginação do que tem mostrado... — Cato deu um estalo com a língua e afagou a orelha de *Cássio*.

O cão inclinou a cabeça para um lado e deu uma rápida lambidela aos dedos do dono, antes de se tentar adiantar até ser retido pela trela esticada.

— Estás cheio de vontade, não é? Mas desta vez não pode ser. Aqueles homens estão do nosso lado, rapaz.

Cato voltou a dar atenção ao que se passava na ponte. A nova formação estava quase completa, e a centúria que tinha vindo atrás do testudo avançava agora em passo acelerado para avançar pela rampa de assalto improvisada. À sua frente, os pretorianos aguardavam com as espadas de treino colocadas em posição, apoiadas às orlas dos escudos de vime, prontos a golpear. Mas entre eles não havia sinal do capacete com crista de Macro. Cato franziu o sobrolho,

perguntando-se o que se teria passado com o seu amigo na altura em que o cão o tinha distraído. Teria sido derrubado? Ou teria escorregado pela rampa interior? Era difícil acreditar nisso, já que Macro tinha a perceção do risco típica de um veterano, bem como segurança nos movimentos no calor da batalha. Portanto, o que é que teria acontecido?

Reparou num grupo de homens que se reunia por trás do portão, cerca de meia centúria, numa formação compacta. Acima deles, os seus camaradas travavam duelos com os primeiros auxiliares a alcançarem a paliçada, e as espadas de madeira atingiam, com as largas folhas, os escudos de vime, os capacetes e os membros expostos. Já havia um sírio a tentar trepar sobre a paliçada para conseguir reclamar um ponto de entrada no passadiço por cima do portão.

Nesse momento ouviu-se um rugido vindo de Macro e dos seus pretorianos, que abriram os portões e soltaram gritos de guerra enquanto avançavam. Um estremeção passou pelos auxiliares que formavam a rampa de assalto. Um punhado de homens que ascendiam pela rampa, a caminho do combate no nível superior, caíram e rebolaram por um lado e outro até ao fosso, antes de a formação desabar e se transformar numa massa confusa de homens a debaterem-se para se manterem em pé. Depois, Cato percebeu que pelo portão aberto se via a crista de Macro por cima da escaramuça, à medida que ele e os seus homens avançavam, a empurrar os atacantes para trás e a lançar ainda mais homens para o fosso, em completo desalinho. O prefeito Orfito tentou reagrupar os seus homens à entrada da ponte, mas não havia tempo para os reorganizar antes de os pretorianos carregarem sobre as fileiras caóticas. Cato avistou Orfito uma última vez, antes de também ele ser derrubado, mesmo antes de os seus soldados se voltarem e debandarem perante a carga de Macro e dos seus homens.

Cássio voltou a puxar pela trela. Forçou, e olhou para cima, para Cato, com um pedido nos olhos.

— Queres ir brincar, não é?

O cão agitou a cauda, e Cato soltou a trela. *Cássio* lançou-se imediatamente para a frente, aos saltos, com a trela a varrer o terreno de um lado para o outro atrás dele.

Cato encolheu os ombros.

— Uuups...

Entretanto, mais pretorianos tinham descido pelo lado interior das defesas e saíam pelo portão em perseguição dos sírios em retirada, derrubando-os à bruta ou passando-lhes rasteiras. *Cássio* correu por entre eles, saltando sobre

homens dos dois lados, enquanto serpenteava pela confusão. Cato observou por mais uns momentos antes de avançar e levar as mãos em concha à boca, enquanto inspirava profundamente.

— Segunda Pretoriana! Alto! Já chega, rapazes!

Os mais próximos dos seus homens viraram-se e obedeceram de pronto, detendo-se. Os que estavam mais longe aproveitaram para mais umas pancadas nos adversários antes de os imitarem, enquanto os oficiais repetiam a ordem. Macro ordenou que as centúrias formassem e depois ficou a ver, com um sorriso divertido, os auxiliares derrubados a porem-se de pé lentamente, a recuperarem o equipamento e a cambalearem para o campo de treino, onde o resto dos seus camaradas esperava, a recuperar o fôlego e a olhar desconfiado para os pretorianos. Cato avistou a crista do capacete do prefeito, e viu Orfito a sentar-se e a sacudir a cabeça. Aproximou-se, inclinou-se e ofereceu uma mão ao outro oficial. Orfito pestanejou e franziu o olhar perante a forma que se inclinava para ele, antes de perceber que era Cato.

— Os teus homens não parecem inclinados a fazer prisioneiros, tribuno Cato — deixou escapar em tom rouco, antes de tossir para limpar a garganta.

Cato riu-se.

— Oh, não, eles fazem-no com todo o prazer, como espólio de guerra. Mas não havia qualquer lucro a fazer ao poupar os teus rapazes, temo-o bem.

Apertaram-se mutuamente os antebraços, e Cato puxou o outro oficial para o pôr de pé. Orfito sacudiu-se brevemente enquanto olhava para o campo de treino e via os últimos dos seus homens a arrastarem-se para se juntarem ao resto dos seus camaradas. Depois olhou para Corbulo e viu o general sentado na sela, hirto e sério, enquanto os seus oficiais, divertidos, trocavam comentários nas suas costas.

— Não me parece que o general esteja satisfeito com a forma como isto correu.

— Não te aflijas — comentou Cato. — Foi um bom truque, esse de usar o pontão. Não estava nada à espera disso.

— Não nos serviu de muito, pois não?

— Desta vez, não — admitiu Cato. — Mas estavam a enfrentar os meus pretorianos. E homens como o Macro conhecem todos os truques que vêm nos livros, e também a forma de os contrariar.

Ouviu-se um coro de gritos maldispostos vindos do campo, e os dois oficiais olharam na direção de que eles provinham; *Cássio* tinha reunido vários homens num grupo à parte e corria ao seu redor, mordendo quem quer que tentasse escapar.

— Tribuno, importas-te de chamar a tua cavalaria? Parece-me que ele já deu a sua ajuda ao estabelecimento da confusão.

Cato colocou dois dedos na boca e soltou um assobio estridente. *Cássio* deteve-se e olhou para eles. Cato voltou a assobiar, e o cão lançou um derradeiro olhar saudoso às suas presas antes de se voltar e correr na direção do dono.

— Devo-te uma bebida quando nos virmos outra vez na messe dos oficiais — disse Orfito. — A ti e a esse selvagem terrível, o centurião Macro.

Trocaram um aceno antes de Orfito se dirigir ainda penosamente para assumir o comando da sua coorte, tentando preservar a dignidade que lhe restava. *Cássio* correu e derrapou ao parar, os flancos a arfar, enquanto a longa língua se pendurava para fora das queixadas arquejantes. Cato pegou na trela e dirigiu-se para o ponto onde Macro aguardava à frente dos pretorianos, formados diante da muralha. Os homens estavam à vontade, os escudos de vime apoiados no solo, e os risos e dichotes a correrem livremente.

— Bom trabalho, centurião. Isso é que foi pensar rápido.

Macro sorriu.

— Aceito isso como um verdadeiro elogio, vindo de quem vem, senhor. Claro que eu e os rapazes tivemos alguma ajuda. — Fez uma festa na cabeça de *Cássio* e foi recompensado com uma lambidela.

— Alguém ferido?

— Umas nódoas negras. Nada de preocupante.

Cato assentiu com satisfação.

— Ótimo.

Foram interrompidos pelo bater dos cascos de cavalos quando o general e o seu estado-maior se aproximaram e se colocaram de frente para as desordenadas fileiras dos auxiliares. Corbulo parecia mais velho do que os seus quarenta e nove anos; tinha o cabelo cinzento, o rosto vincado por rugas profundas e uma boca larga com lábios descaídos que lhe dava uma permanente expressão azeda e severa.

— Prefeito Orfito! — começou. — Forma a porra dos teus homens como deve ser! Não admito que se apresentem desta maneira, como se fossem um grupo de excursionistas desocupados num feriado público!

O desamparado prefeito fez uma continência formal e depois deu ordens aos seus oficiais para formarem os homens. Com a ajuda de muitos berros, uso liberal de varas e bastões por centuriões e optios, e botas a deslizar para um lado e outro, as seis centúrias da coorte síria lá assumiram as suas posições e se colocaram em sentido, debaixo do olhar pouco amistoso do seu general. Quando, por fim, todos estavam formados, Corbulo agitou as rédeas e levou a

montada a passo pela frente da unidade. Não havia como não perceber o desprezo na sua expressão enquanto ele os contemplava. Regressou à sua posição original à frente do centro da coorte para lhes falar.

— Esta foi a mais ridícula manobra que alguma vez vi, executada por uma unidade em todo o exército romano — anunciou, num tom estridente e áspero. — Não apenas não conseguiram manter qualquer coisa que se parecesse com um passo decente durante a marcha, como não conseguiram sequer manter-se em formação. Pelos deuses! Um grupo de pedintes com uma só perna teria conseguido um melhor desempenho. E como se isso não fosse já suficientemente mau, apresentaram-se no campo de treino como um bando de recrutas no primeiro dia. Pelo que vejo do vosso equipamento, a manutenção é pobre, e muitos de vós nem sequer possuem todas as peças necessárias. Centuriões! Quero que tirem o nome de todos os homens aqui presentes que não se tenham apresentado com todo o equipamento regulamentar. Não há exceções. Também quero o nome dos oficiais. Os que não se apresentarem bem preparados para a guerra terão o prazer de dormir ao relento pelo resto do mês, e receberão rações de papa de cevada, e nada mais. — Torceu-se na sela para indicar a muralha. — Quanto àquilo que, ridiculamente, se poderia referir como o vosso ataque às defesas preparadas, juro perante Júpiter, o Maior e Melhor, que um grupo de virgens vestais teria tido um efeito bastante mais assustador no inimigo.

Ouviram-se algumas gargalhadas das fileiras dos pretorianos, até que um raspanete ríspido de um *optio* fez silenciar os homens.

Corbulo olhou para os sírios com animosidade por mais uns momentos antes de continuar a descompô-los.

— Se for este o vosso desempenho quando tiverem de enfrentar os partos, prometo-vos que nem um entre cada dez de vós sobreviverá à experiência. Podem ter divertido os nossos amigos pretorianos, mas garanto-vos que os partos não estarão a rir-se quando se atirarem a vocês. A vocês e a todos os homens do exército do Oriente que passaram as vidas sentados nesses gordos traseiros em confortáveis postos de guarnição.

» A vida tem sido demasiado fácil para vós, mas isso agora mudou, senhores. Quando chegar a primavera, avançaremos para invadir o Império Parto. Será o maior teste do poderio militar romano no Oriente desde os dias de Marco António. Para aqueles que viverem para ver a vitória final, haverá saque suficiente para nos fazer a todos ricos para lá do que possam imaginar. Para aqueles que tombarem pelo caminho, nada mais haverá do que um túmulo anónimo na berma de uma estrada poeirenta, que depressa se perderá

na memória. E é esse o destino que vos espera, se não conseguirem melhorar o vosso desempenho, e muito.

» Há demasiado tempo que se limitam a brincar aos soldados. Agora, terão de justificar o dinheiro que Roma vos paga. E terão de o ganhar com sangue e suor. Têm de tornar os vossos corações mais fortes, os vossos músculos mais rijos e a vossa decisão mais férrea. Têm de cuidar do vosso equipamento. Se a vossa armadura estiver gasta e fraca, não vos protegerá. Se a vossa lâmina estiver ferrugenta e romba, não vos servirá para matar. Se as vossas botas estiverem gastas, não vos levarão longe, e vocês ficarão para trás, onde serão facilmente apanhados e abatidos pelo inimigo. E o inimigo que vamos enfrentar é talvez o mais formidável com que Roma alguma vez se defrontou. Oh, sei bem que há alguns que dizem que os partos são corruptos e fracos, a pavonearem-se naquelas vestes esvoaçantes e com o seu *kohl*, a sublinhar os olhos como as mulheres, mas os que os menosprezam dessa forma são tolos, e tornam-se presas fáceis para o inimigo. Não se deixem iludir: o parto é um guerreiro capaz. Cavalga como se tivesse nascido na sela. Despacha setas de cima da sua montada com a mesma certeza e precisão como se estivesse no solo. A cavalaria parta é como um rio a fluir. Rodeia os obstáculos e continua sem interrupções até que uma barragem a detenha. Nós seremos essa barragem. Seremos a linha de rochas que o inimigo não conseguirá ultrapassar. Nem mesmo o poderio couraçado dos seus catafractários nos derrotará. Contra os nossos escudos, as nossas lanças e as nossas espadas, eles virão desfazer-se com fragor. E então a vitória será nossa.

Corbulo fez uma pausa para deixar que as suas palavras penetrassem nos espíritos, antes de continuar em tom sombrio.

— Mas isso nunca acontecerá enquanto vocês cobrirem de vergonha a reputação de Roma, como fizeram hoje aqui. Não vejo à minha frente soldados dignos desse nome. Vejo apenas o ocioso detrito de uma coorte em tempos orgulhosa, cujos homens honraram o seu estandarte e o seu Imperador. Isso tem de mudar. Se tal não suceder, todos vocês acabarão como carcaças para alimentar os abutres da Pártia. Prefeito Orfito!

O comandante da coorte deu um passo em frente.

— Senhor!

— Estes são os teus homens. Tu estabeleces o padrão. Se eles falharem, daqui para a frente, será porque *tu* falhaste. E se tu falhares, não te mostrarei qualquer piedade. Exijo o melhor de todos os meus oficiais. Se eles não podem dar, não há lugar para eles no meu exército. Ficou claro?

— Sim, senhor.

— Vais portanto tratar de garantir que estes homens recebem um treino decente. Os que não conseguirem atingir o padrão exigido serão dispensados, sem receberem o habitual bônus. E isso aplica-se a todas as outras unidades sob o meu comando. Incluindo as legiões. — Apontou com o polegar para trás, por cima do ombro. — E os pretorianos.

Cato e Macro trocaram um rápido olhar.

— Isto é ir um bocadinho longe de mais — comentou Macro em voz baixa. — Não será propriamente bem recebido nas fileiras.

— Nem em Roma, assim que o Nero souber disto — acrescentou Cato. — Se há lição que todos os imperadores aprenderam, é que não se pode brincar com os privilégios da Guarda Pretoriana.

— E com muita razão — concordou Macro, com ênfase.

Corbulo lançou um derradeiro olhar de profundo desprezo ao conjunto da coorte, antes de o dirigir a Orfito.

— Dispensados!

Depois fez o cavalo dar meia-volta, colocou-o num trote ligeiro e conduziu os oficiais do seu estado-maior na direção do portão principal de Tarso, levantando uma enorme nuvem de poeira.

Cato contemplou-o por momentos antes de voltar a olhar para os sírios.

— Não foi propriamente o discurso inspirador de que aqueles homens precisavam do seu general.

— Foi exatamente aquilo que eles precisavam de ouvir — contrapôs Macro. — Eles são um monte de merda, e sabem-no perfeitamente. Quanto mais cedo o Orfito os meter em forma, melhor.

Cato anuiu.

— Bem, o Corbulo tinha razão quanto a uma coisa. Se eles não estiverem em condições quando chegar o momento de enfrentar os partos, é como se já estivessem mortos.

Macro grunhiu.

— E depois dessa nota otimista... quais são as ordens, senhor?

Cato pensou por breves momentos.

— Os homens precisam de um pouco de exercício. Ponha-os a marchar à volta da cidade um par de vezes antes de os dispensar.

— Sim, senhor.

— Vejo-o quando acabar. Faça-os suar, centurião.

— Há outra forma de fazer isto?

Cato assentiu, puxou pela trela de *Cássio* e dirigiu-se para os portões da cidade, com o cão a saltitar ao seu lado.

Macro virou-se para os pretorianos, muitos dos quais ainda gozavam com o evidente desconforto dos sírios. Era um facto da vida que existiria sempre uma rivalidade competitiva entre as diferentes unidades de um exército. Os legionários consideravam-se superiores aos auxiliares, estes detestavam a arrogância dos primeiros, e ambos os grupos de soldados odiavam os pretorianos. Se alguns dos sírios dessem com os homens de Macro nalgum dos antros de bebida da cidade nessa noite, ia haver confusão por certo. Mas a única coisa que preocupava Macro, se isso sucedesse, era que os pretorianos aplicassem uma boa sova nos outros.

Inspirou profundamente enquanto contemplava as fileiras despojadas da coorte pretoriana, e colocou cara de mau enquanto berrava.

— Porra, por Hades, do que é que vocês se estão a rir, bando de sacanas? Já perdem a vontade de rir quando souberem o que vos espera! Em sentido! Escudos acima! Preparar para marchar!

Enquanto o resto do exército vivia em tendas nos seus acampamentos no exterior de Tarso, Cato e os seus homens estavam acomodados na cidade, já que os pretorianos tinham sido designados como guarda pessoal do general. A decisão que Corbulo tinha tomado no ano anterior, de os enviar para combate, fora um risco calculado, tanto em termos políticos como militares, já que o Imperador não apreciaria de todo perder uma das suas queridas unidades da Guarda. Ao tempo, porém, o general tinha tão poucos homens de confiança à sua disposição que não tivera alternativa. A Segunda Coorte tinha sofrido muitas perdas, e não houvera forma de os substituir por novos recrutas, estando tão longe de Roma como era o caso. De pouco conforto servia saber que agora não havia homens suficientes para Corbulo os voltar a enviar para o terreno. Passariam a campanha ao lado do general e do seu estado-maior, longe da frente de batalha. Isso poderia ser uma frustração para o centurião Macro, mas era uma fonte de profundo alívio para a sua companheira, Petronella. Sobretudo porque ela estava a ponto de se tornar sua esposa.

Cato sorriu ao anteciper o casamento, a ser celebrado no dia seguinte. Seria uma festa de pequena dimensão. Além de si e dos outros oficiais da coorte, haveria alguns homens de outras unidades que se tinham tornado amigos do centurião, bem como um punhado de habitantes locais e o filho de Cato, Lúcio, de cinco anos de idade.

Tinha sido Lúcio a razão de Macro ter conhecido a sua futura esposa. Petronella era a ama do miúdo, e tinha sido comprada no mercado de escravos em Roma para esse fim. Inteligente e viva, era precisamente o tipo de mulher de que Macro precisava, considerou Cato. Além disso, tinha-se afeiçoado a Lúcio, e este adorava-a. A mãe dele morrera pouco depois de ele ter nascido, e uma vez que Cato estivera envolvido em campanhas militares durante a maior parte da vida do petiz, tinha-se formado um laço profundo entre Lúcio e a sua ama. Ela já não era uma escrava, contudo. Cato tinha-lhe concedido a liberdade

havia mais de um ano, e ela e Macro viviam juntos com ele, na casa que alugara em Tarso. E agora o centurião resolvera legalizar a relação.

No último mês Petronella tinha andado alegremente preocupada com os preparativos, enquanto Macro a deixava conduzir as coisas, embevecido, até começar a preocupar-se quando tomou consciência do dinheiro que ela andava a gastar. Mas, explicou ela, coisas como uma estola de seda para o dia festivo, flores, o festim, as diversões e a bênção do sacerdote do culto imperial em Tarso não eram baratos, muito menos gratuitos. Cato tinha apreciado a forma como o seu amigo, um destemido veterano de tantas batalhas, encolhia humildemente os ombros e se rendia aos desejos dela. Ao que parecia, o amor tinha sido capaz de conseguir aquilo que nenhuma arma inimiga, nem nenhum guerreiro bárbaro, alguma vez tinham concretizado.

Cato virou para uma via que saía do fórum na direção do bairro judeu e da confortável habitação na qual a sua pequena família tinha quartos alugados. O calor da tarde era ainda mais asfíxiante nas ruas da cidade, e o suor pingava-lhe pela testa enquanto ele caminhava, esforçando-se por evitar os pequenos montes de dejetos e esgoto que se tinham acumulado pela rua. Trocou uma saudação rápida com um grupo de legionários, que se apressaram a desviar-se do caminho quando *Cássio* rosnou na sua direção. Cato passou por um arco em que tinha sido gravada uma menorá e entrou numa pequena praça. A casa do ourives, Yusef, ficava do outro lado, com a entrada ladeada por uma padaria e uma loja que vendia olaria. Ao aproximar-se, viu Petronella sentada num degrau junto à porta, a tentar refrescar-se com um leque de palha. À sua frente, Lúcio brincava com alguns dos seus soldados de madeira. Ao seu lado, estava uma menina, pequena, de cabelo escuro e com uma túnica simples. Cato reconheceu-a como a filha de um dos vizinhos; era a miúda a que Lúcio se referia muitas vezes como a sua amiga, antes de dar pelo lapso e negar que tivesse alguma vez escolhido brincar com uma rapariga, afirmando que ela é que se tinha juntado a ele.

Petronella levantou-se ao avistar o seu anterior dono, e acenou uma saudação.

— Lúcio, olha quem aqui está!

O miúdo olhou para cima e abriu um enorme sorriso enquanto se punha de pé.

— *Cássio*!

Cássio puxou pela trela, mas Cato segurou-o com firmeza, enquanto se aproximava da casa do ourives. Lúcio correu a abraçar o cão, e a longa língua de *Cássio* deslizou-lhe pelo rosto, mas a rapariga encolheu-se. Cato percebia

perfeitamente o nervosismo da jovem, dados o tamanho e o aspeto quase selvagem do animal.

— *Cássio*, com que então? — Suspirou, de forma dramática. — Nem um olá ao teu pai?

Agachou-se e afagou os escuros caracóis de *Lúcio*. O filho deu-lhe um abraço quase formal e depois continuou a fazer festas no flanco do cão. *Cato* olhou para a miúda.

— E como está hoje a pequena *Junila*?

Ela sorriu-lhe de forma tímida e depois rodou de repente e afastou-se, metendo por uma passagem um pouco abaixo na rua.

— O que é que eu disse? — *Cato* fez uma careta de surpresa.

Petronella riu-se.

— Não é nada consigo, senhor. É só o cão. Para a maior parte das pessoas da cidade, ele parece um lobo. E se eu não o conhecesse, também diria o mesmo. Vamos lá, *Lúcio*, apanha os teus brinquedos. É hora de voltar para dentro.

O miúdo fez uma última festa na cabeça do cão e depois encolheu-se quando a comprida língua se voltou a remexer sobre o seu rosto. Pegou nos bonecos de madeira e seguiu os outros pelos degraus até à porta da frente e para dentro da casa do ourives.

No interior havia um curto corredor que levava a um átrio simples, onde um lago raso refletia alguma da luz que chegava da abertura que lhe ficava por cima. Em torno dele, nos quatro lados, ficavam o escritório do proprietário da casa, quartos e a cozinha. Os quartos que *Cato* e *Macro* tinham alugado davam para o pequeno jardim na retaguarda. O leve murmúrio da fonte saudou os ouvidos de *Cato* enquanto ele seguia para o jardim e descia o caminho de pedra até ao lago onde a água dançava. Desapertou a trela do cão e depois acomodou-se num dos bancos que ficavam à sombra da treliça coberta de trepadeiras que rodeava o lago.

Lúcio pousou os seus soldados de brinquedo ao lado do pai, sentou-se na borda de mármore do lago e rodou os pés nus para os meter na água, agitando-os para os refrescar. A olhar em torno, com a cauda a abanar, esperançoso, *Cássio* esperou que alguém resolvesse brincar com ele. Quando ninguém se adiantou, sentou-se pesadamente aos pés do dono, antes de baixar a cabeça até ela ficar entre as patas e deixar escapar um profundo suspiro.

— Como vão os preparativos para o grande dia? — indagou *Cato*.

Petronella instalou-se no banco mais próximo e sorriu, feliz.

— Acho que está tudo pronto, senhor.

— Achas? — *Cato* arqueou uma sobrancelha e sorriu. — Será melhor teres

a certeza, antes que o Macro regresse. Como sabes, ele é um picuinhas e não deixa escapar um detalhe. Eu não me arriscava a ficar do lado mau dele.

— Oh, ele é um gatinho, se souber como o afagar. Além disso, acho que já lhe deixei bem claro quem é que usa as calças nesta casa.

— Tens a certeza de que não foste um centurião numa vida anterior? Ou isso ou prefeito do campo. Para uma mulher de tão bela aparência e futura esposa, pareces ter algo da postura e comportamento de um duro veterano.

A expressão de Petronella tornou-se tristonha.

— Passar a maior parte da vida na condição de escravo pode fazer isso a uma pessoa, senhor.

— Mas já não és uma escrava. És livre. Já não sou teu dono.

— É a força do hábito, senhor.

Trocaram um ligeiro sorriso. Apesar de já não ser propriedade de Cato, Petronella, como qualquer pessoa que tivesse sido liberta, era obrigada a considerá-lo como patrono pelo resto da vida. Em troca da sua lealdade e serviços ocasionais, era dever do prefeito garantir o bem-estar da sua antiga escrava. Claro, refletiu ele, esse era o princípio. Muitos não o honravam. Alguns tratavam os antigos escravos como pouco mais do que aquilo que eram antes. E muitos escravos retribuíam a bondade dos seus anteriores donos com um desprezo frio, assim que se viam libertos. Nalguns casos, os libertos revelavam-se tão capazes nos seus empreendimentos que reuniam vastas fortunas e se tornavam muito mais abastados do que os seus anteriores donos. Ainda assim, escravos tinham sido, e não havia roupas finas ou perfumes caros que alguma vez pudessem removê-los do seu lugar no fundo da hierarquia social de Roma.

E se não fosse a preferência imperial de que o seu pai gozara, também Cato teria ficado preso ao destino de um liberto. Mas na realidade tinha-lhe sido concedida a cidadania, na condição de servir no exército. Contudo, mesmo ao fim de tanto tempo, interrogava-se sobre quantos dos outros oficiais sabiam das suas humildes origens e gozavam com ele nas suas costas, apesar da sua elevação à classe equestre. Não era que tivesse muita causa para se preocupar com o que pudessem pensar dele. Tinha conseguido a sua reputação da forma mais difícil, ao contrário dos que haviam adquirido prestígio por um mero acidente de nascimento. Tinha também alcançado um certo grau de riqueza, já que herdara as propriedades do seu sogro, o senador Semprônio. Havia uma casa em Roma, uma propriedade rural na Campânia e a renda do aluguer de um bloco de apartamentos no Aventino, pelo menos enquanto o edifício se mantivesse de pé.

Todavia, apesar dessa riqueza, Cato não se satisfazia com uma vida de

comparativo luxo em Roma. Apesar de nascido e criado na capital, tinha-a sempre achado como tendo um ambiente opressivo, ao regressar de anos de campanhas nas fronteiras do Império. O odor de um milhão de pessoas e animais a viverem em tamanha proximidade era insuportável, e tinha ficado espantado consigo mesmo por nunca ter reparado nisso antes de sair de Roma. Além disso, as ruas acanhadas faziam-no sentir-se aprisionado, como uma saca de cereal arrumada no meio de outras no fétido porão de um velho cargueiro. E ainda havia a necessidade de fazer caminho com todo o cuidado pelo labirinto da vida social e política de Roma. Um gesto descuidado, sem qualquer deliberação, podia granjear-lhe um inimigo para toda a vida. E com as ligações corretas no palácio, ou no submundo do crime da Subura, um inimigo podia revelar-se letal, mesmo sem ser conhecido. Cato podia ver-se apunhalado numa congestionada via ou envenenado num banquete sem que alguma vez soubesse a razão de tal gesto.

E por todas essas razões, ele preferia a vida militar, onde um homem sabia quem eram os seus inimigos e podia contar com os seus camaradas. Pelo menos com a maior parte deles, admitiu. A influência de Roma podia estender-se aos mais distantes cantos do Império, para aqueles cuja existência fosse considerada como uma ameaça pelo Imperador e os seus conselheiros. Por enquanto, porém, Cato estava seguro de que era demasiado insignificante para correr o risco de atrair atenções desse género. O mesmo, porém, não podia ser dito do general Corbulo. Podia ser um excelente soldado que tinha servido Roma com denodo e conquistado o respeito de todos os que comandava. Podia mesmo ser absolutamente fiel ao Imperador que ocupasse o trono, fosse ele quem fosse, mas isso não o salvaria se fosse decidido que estava a ter demasiado sucesso.

Cato sorriu amargamente para si mesmo. Tal era o paradoxo do sistema imperial. Os bons generais eram necessários para defender Roma dos seus inimigos, mas se esses homens fossem demasiado bons, facilmente podiam passar a ser vistos como apenas mais um inimigo. Caso em que seriam despojados do seu comando e passariam o resto dos seus dias em Itália, sob apertada vigilância dos espiões imperiais. Se fossem mais desafortunados, seriam acusados de algum crime capital e executados, ou ver-lhes-iam ser oferecida a saída honrada, o suicídio.

— Há alguma coisa a perturbá-lo, senhor?

Cato levantou o olhar e viu Petronella a observá-lo de perto. Obrigou-se a sorrir, e encolheu os ombros.

— Nada mais do que o habitual fardo de comandar tantos homens. Há mais alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar a preparar o dia de amanhã?

— Já fez mais do que o suficiente. Sem o empréstimo que nos concedeu, não haveria grande celebração. Não é que isso chateasse o Macro por aí além. Sabe como ele é, não aprecia a confusão. Mas eu queria muito dar-lhe um dia que ficasse na memória, senhor. Tal como a sua falecida esposa quis no seu caso, imagino.

Os lábios de Cato cerraram-se com firmeza enquanto ele olhava para lá de Petronella, e contemplava a cena de caça pintada no reboco da parede, por trás dela. Lembrava-se muito bem do seu próprio dia de casamento. Tinha sido uma festa simples, mas, ao tempo, parecera-lhe perfeita. Só mais tarde tinha descoberto que Júlia lhe fora infiel enquanto ele estava a combater na Britânia. A memória do seu casamento, naquele momento, era a de um embuste.

Petronella inclinou-se para ele, séria, sem entender a alteração da sua expressão.

— Não se preocupe, senhor. Tenho a certeza de que eu e o Macro conseguiremos pagar-lhe em pouco tempo. Ele diz que tem bastante dinheiro guardado por um banqueiro em Roma.

Cato soltou uma risada.

— Não te preocupes com isso. O empréstimo é o mínimo que eu posso fazer para ajudar. Ofereci o dinheiro, mas o Macro insistiu para que fosse um empréstimo. Devo-vos mais aos dois do que algum dia poderei pagar. A ti, por teres criado o Lúcio, depois da morte da mãe. E ao Macro, por... Bom, por fazer de mim aquilo que sou hoje. Devo-lhe a minha vida. Ele safou-me de mais situações difíceis do que eu me quero lembrar. Portanto, não te preocupes com a pressa em devolver-me o dinheiro. Consigo sobreviver sem ele.

— Pode ser que sim, senhor. Mas estaremos sempre ao seu lado, e ao lado do seu filho.

— Eu sei bem disso. Diz-me apenas que não estiveste demasiado ocupada nos preparativos para amanhã e que não te esqueceste de nos preparar algo de comestível para o jantar. — Cato esfregou as mãos. — No fim de contas, vai ser o último festim do Macro como homem solteiro.

Petronella revirou os olhos.

— Nem me lembre disso! Não paro de ouvir esses comentários sobre perder a liberdade, ficar acorrentado, desistir das outras mulheres...

— Acredita quando te digo que para ele não existem outras mulheres, desde que ele te tem a ti.

— Oh... — Ela corou ligeiramente e agitou as mãos. — Bom. Jantar. Sim, vou fazer alguma coisa de especial.

...

— Caraças, isto está delicioso! — anunciou Macro enquanto empurrava o prato de cerâmica e limpava a boca com as costas da mão. Olhou admirado para Petronella, por cima da mesa de jantar instalada no jardim. Estavam a comer ao fresco do entardecer, enquanto os andorinhões dardejavam pelo ar, a encherem-se de insetos. — Bom, para mim isto acaba com todas as dúvidas. Vou casar-me contigo com toda a certeza.

— Como se houvesse ainda dúvidas — resmungou ela.

— A sério — continuou Macro. — Se consegues fazer uma refeição destas...

— Tive alguma ajuda — admitiu Petronella. — Um dos teus homens, o Hírtio. Ao que me disse, foi em tempos cozinheiro em casa de um senador.

Os olhos de Macro franziram-se muito ligeiramente.

— Oh? E desde quando é que trocas receitas com os homens das fileiras?

— Tarso não é uma cidade assim tão grande. Encontrei-o quando estava a comprar ervas no mercado. Não é habitual ver um soldado a comprar ingredientes para cozinhar, por isso começámos a falar. Ele disse-me que havia um prato de que tinhas gostado muito na campanha do ano passado, por isso pedi-lhe para me dar a receita.

— O ano passado? — Macro franziu as sobrancelhas.

— Aquela cabra — lembrou Cato. — Naquela noite em que houve uma rixa entre um dos nossos homens e um arménio.

— Já me lembro... Pobre Glábio. Merecia uma morte muito melhor.

— Sim — concordou Cato, com um aceno triste.

Instalou-se um breve silêncio enquanto recordavam o homem que Cato tinha sido forçado a mandar executar, por ter matado um dos seus aliados.

Petronella limpou a garganta e agitou a colher na direção de Lúcio.

— Eu vi isso, jovem!

Lúcio deu um pulo e depois pôs um olhar inocente, muito aberto.

— O que é que eu fiz?

— Já te avisei, nada de alimentares esse animal sarnento à mesa. Eu vi bem dares-lhe o teu último bocado de carne.

— Não dei nada!

Ela apontou para o cão, sentado sobre os quadris traseiros ao lado do rapaz. A língua rosada de *Cássio* passeou em torno do focinho antes de ele a usar para dar um toque em Lúcio.

— Ele tem fome — disse Lúcio.

— Ele está sempre com fome. É um cão. Comer é a única coisa que lhe passa pela cabeça. — Petronella soltou um suspiro exasperado e abanou a

cabeça. — Rodeada por homens e animais, embora não haja grande diferença entre eles. O que há de fazer uma pobre rapariga? Bom, seja como for, é hora de ir para a cama, meu menino. E amanhã vai ser um dia ocupado, e portanto tens de dormir. Ou, mais precisamente, eu preciso que vás dormir. Diz boa-noite.

— Mas ainda é cedo! — protestou Lúcio. — E eu já tenho cinco anos. Podia ficar mais um bocadinho. Por favor.

— Não. Mas se te portares bem e fizeres o que te mandam, vou contar-te uma história depois de estares deitado.

Lúcio rodou as pernas sobre o banco e dirigiu-se a Macro, antes de lhe dar um abraço.

— Boa-noite, tio Macro.

— Bom sono, soldado! — Macro sorriu enquanto remexia o cabelo do miúdo.

Lúcio soltou-se e dirigiu-se ao pai. Cato sorriu com afeição, embora não houvesse forma de ignorar a curva do maxilar que o filho tinha herdado da mãe. Fazia o coração de Cato doer de saudade, misturada com o azedume da traição. Debruçou-se para beijar Lúcio no cimo da cabeça.

— Vai lá para a cama. E porta-te bem com a Petronella, ou digo ao Macro para te pôr de faxina o resto do mês.

Lúcio riu-se, deliciado por ser tratado como um dos soldados do pai. Bateu os calcanhares e fez uma saudação.

— Sim, senhor.

Cato debateu-se para manter uma expressão severa enquanto lhe devolvia a continência.

— Dispensado!

Assim que Petronella levou o rapaz para o deitar e os dois oficiais ficaram sozinhos no jardim, Macro sorriu.

— É um belo rapaz. E um dia será um grande homem, tenho a certeza.

— Espero bem que sim. Foi muito bom poder ter passado este último ano com ele. Assim que o Corbulo nos conduzir para a Pártia, vou ficar um bom bocado de tempo sem ver o Lúcio. E o mesmo se aplica a si e à Petronella. — Cato pegou no jarro de vinho e encheu os copos aos dois. — Ela não deve estar muito feliz com isso.

— Não está mesmo — respondeu Macro. — Se fosse como ela quer, eu já estava fora das legiões a esta hora. Por isso, tive de lhe prometer que esta será a minha última campanha. — Ergueu a caneca e bebeu um trago. — Quando acabar, vou deixar o exército.

— Andava a pensar se seriam esses os seus planos — comentou Cato. — Eu e os rapazes vamos sentir a sua falta, claro.

— O caralho é que vão. Vão é ficar todos contentes por não me terem a chatear-lhes os cornos a toda a hora.

— Pois, todos sabem que têm um centurião que os quer ver impecáveis na parada, e que não deixa passar o mais pequeno detalhe. Mas também o respeitam. Disso não tenho dúvidas. E porque não? Não deve haver muitos centuriões no exército com uma folha de serviço como a sua. Isso dá aos rapazes confiança, saber que vão para o combate com um homem que eles sabem que será o primeiro a lutar e o último a recuar.

Macro encolheu os ombros.

— Há por aí muitos bons centuriões. Vais facilmente encontrar quem me substitua, miúdo.

— Duvido. Estou nas legiões há tempo suficiente para saber que homens assim são uma casta rara, meu irmão. Será realmente um dia triste quando deixar o serviço.

Ficaram sentados em silêncio por momentos, enquanto a luz desaparecia e o céu acima do telhado adquiria um tom acastanhado. Uma estrela já brilhava no céu. No ar propagavam-se sons de vozes e o ranger de uma carroça lá fora na rua.

— Já pensou no que vai fazer com a Petronella depois de sair do exército?

Macro anuiu.

— Já falámos disso. Nem pensar que eu vou assentar e dedicar-me à agricultura num pedaço de pântano que um funcionário do palácio resolva atribuir-me. Vou ficar só com o dinheiro. E depois partiremos para a Britânia.

— Pensei que detestava essa terra.

— Detesto fazer campanhas nessa terra. Um gelo no inverno, e húmida no que passa por verão. E os nativos são um bando de bestas em que não se pode confiar. Quanto àqueles cabrões daqueles druidas malucos... Fanáticos, duma ponta à outra. Era de pensar que a esta altura já tivessem percebido os benefícios de fazer parte do Império.

Cato deu um estalo com a língua.

— Não me vai conseguir convencer de que a Britânia seja o lugar ideal para se reformar e passar o resto da vida com a sua esposa.

— Oh, vai ser um lugar idílico, assim que conseguirmos submeter aqueles sacanas e fazê-los perceber que estamos lá para ficar. Enquanto tivermos tribos leais como os atrébatos, os trinobantes e os icenos ao nosso lado, estaremos seguros. E ainda há muito dinheiro a fazer em Londinium, se avançarmos a

tempo. A minha mãe está a viver bem às custas daquela estalagem que comprámos a meias, portanto vamos juntar-nos a ela e aproveitar o negócio. Desde que eu tenha a possibilidade de experimentar a mercadoria e passar o tempo a trocar histórias com soldados de passagem, não me vou queixar.

— Acha mesmo?

Macro ponderou as suas perspetivas por momentos, e depois esvaziou o copo.

— Sim, acho. Eu adoro o exército. Foi toda a minha vida. Mas um homem não pode ser um soldado para sempre. Partindo do princípio de que queira fazer a coisa bem. Miúdo, sinto as articulações a ficarem doridas. Não sou tão rápido nem tão forte como fui em tempos, e daqui para a frente a coisa só vai piorar. É melhor sair antes de me prejudicar, ou deixar os rapazes em maus lençóis. Prefiro ser lembrado como ainda sou, e não como um velhadas enfeijado e artrítico, que nem sequer consegue acompanhar os que se atrasam. Portanto, uma última campanha e pronto, acabou-se, e eu e a mulher daremos início a uma nova vida em Londinium. Partindo do princípio de que ela e a minha mãe se conseguem entender.

Cato tinha conhecido a mãe de Macro havia alguns anos. Uma mulher formidável, em vários sentidos. Sorriu ironicamente. Agora que pensava nisso, havia várias qualidades que ela partilhava com Petronella. E isso podia funcionar perfeitamente para os sonhos de Macro, de uma paz doméstica, ou podia, pelo contrário, dar origem a tremendos conflitos. Seria fascinante saber como se dariam as duas mulheres na vida do amigo. Ou como não se dariam.

— Bem, centurião, espero sinceramente que possa encontrar a paz e a felicidade que merece com a Petronella. Claro que ela vai ter de dar essas novidades ao Lúcio.

— Ainda faltam um ou dois anos, calculo eu. E nessa altura ele já terá idade para aceitar a novidade sem problema.

— Suponho que sim — retorquiu Cato, pouco convencido. Petronella tinha sido a ama do rapaz desde os seus primeiros meses de vida. Era mais como uma mãe para ele, na realidade. Ia ser uma separação triste para o filho.

— Além disso — continuou Macro —, depressa encontrarás outra mulher para ti. És um bom partido.

Pegou no jarro de vinho e agitou-o levemente. Estava quase vazio. Dividiu o que restava entre os dois e ergueu a caneca.

— Um brinde. À nossa derradeira campanha juntos. Que Marte esmague os nossos inimigos, e que Fortuna encha os nossos cofres com um bom saque.

— Bebo a isso.

Esvaziaram os copos, mas Cato não sentia grande alegria ao contemplar o fim da campanha que se aproximava. Lúcio podia estar a ponto de perder alguém que tinha acabado por ver como uma mãe, mas Cato, por seu lado, estava a perder alguém que fora tanto um irmão como um pai para ele. E quando chegasse o momento, seria impossível não o lamentar. Tentou afastar o pensamento desanimador. Não tinha o direito de roubar a Macro a alegria que Petronella levava à sua vida. Era um sentimento desprezível, e ele resolveu partilhar a alegria do amigo por completo, quando o par se casasse, no dia seguinte.